



## O Cerrado de Saint-Hilaire: as representações naturalistas de um viajante francês do século XIX

Lorena Borges Silva <sup>1</sup>  
Robson Mendonça Pereira <sup>2</sup>

### RESUMO:

Este trabalho pretende investigar as diferentes motivações e objetivos que levaram o viajante Saint-Hilaire a investir em um projeto de adentrar o Cerrado, e a partir de suas narrativas e percepções, pretendemos compreender como a natureza do Cerrado foi interpretada e sentida durante o século XIX. Buscaremos enxergar o motivo de tantas assertivas depreciativas ao observarem o meio natural de Goiás.

**Palavras-Chave:** Cerrado; Natureza; História Ambiental.

---

<sup>1</sup> Discente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER/UEG). lorena23418@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestre e doutor em História (Universidade Estadual Paulista/Campus de Franca) e Pós-Doutor em História Social (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER/UEG). Coordenador do Laboratório de Pesquisa em História e Cultura do Cerrado (LAPIHCER/UEG). Bolsista do Programa de Incentivo à Pesquisa e Produção Científica (PROBIP/UEG). robsonmenper@hotmail.com

**D**o século XVI até o século XVIII a produção científica na Colônia era ainda bem incipiente, havia muita preocupação da Coroa Portuguesa com as notícias que circulavam na Europa sobre seu novo domínio ultramarino na América, principalmente aquelas contidas em obras que supostamente revelavam segredos de estado a respeito das riquezas supostamente existentes, eram retiradas de circulação. Alguns historiadores chamam essa prática de “política de segredo” que vigorou durante praticamente todo período colonial. Muitos relatos quinhentistas sobre a natureza e a população só foram divulgados ou encontrados no século XIX. Com a instalação da Corte Joanina e a Abertura dos Portos ao exterior em 1808, inicia-se um processo de valorização científica principalmente da natureza brasileira, o que motiva a vinda de várias expedições científicas para o Brasil nesse período.

O século das Luzes significou um momento de descoberta para várias áreas do conhecimento, assim foi também a experiência vivida pelos viajantes que circularam pelo cerrado durante esse período. Através da literatura de viagem, vários conhecimentos sobre a fauna, flora e a população que vivia nos sertões foram detalhados e pesquisados efetivamente, essa literatura torna-se um dos elementos fundamentais na construção da identidade nacional. O encontro entre o “homem civilizado” e a natureza exótica é feito pelas expedições científicas, e a partir do século XIX, a natureza brasileira ganha importância, por apresentar possíveis potencialidades econômicas.

A temática natureza e conservação do cerrado é bastante recorrente na nossa sociedade contemporânea, sabemos da importância do bioma para a manutenção de vários outros ambientes naturais, e crescemos cientes do rápido e constante processo de degradação da natureza cerradense<sup>3</sup>. A necessidade de se preservar esse bioma surge a partir dos anos 1970, mas paradoxalmente a expansão da agricultura e da pecuária em larga, que amplia o debate, nesse mesmo período, em torno das políticas ambientalistas e dos impactos causados pelo modelo de produção agroindustrial vigente.

No ínterim dessas preocupações, nasce, nos Estados Unidos, uma disciplina acadêmica que paulatinamente vai tomando contorno e vem, de maneira sistematizada, refletir a “questão ambiental”. Segundo Pádua (2012 p. 17), o precursor da disciplina foi Roderick Nash, que publicou o livro *Wilderness and the american mind* no ano de 1967 e ministrou a primeira disciplina com o título de “História Ambiental” em 1972, na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara. A primeira sociedade científica, *American Society for Environmental History*, foi criada no ano de 1977 e inaugurou oficialmente o início da primeira base disciplinar que a História Ambiental passaria a ter.

---

<sup>3</sup> Termo cunhado por Paulo Bertran na sua obra *História da Terra e do Homem no Planalto Central* (2000) é o homem que se forma após a febre do ouro e o seu estabelecimento nos sertões centrais.

Contudo, as preocupações ambientais existiam desde tempos mais remotos como, por exemplo, a dos naturalistas do século XVIII<sup>4</sup>, as discussões empreendidas pelos *Annales* de Lucien Febvre, Fernand Braudel e Emmanuel Le Roy Ladurie<sup>5</sup> ou a escola histórica progressista dos Estados Unidos de Frederick Jackson Turner<sup>6</sup>. Todavia, esses sujeitos não se referiam diretamente ao modelo disciplinar supracitado, mas, como alerta Pádua, possibilitaram “a construção da sensibilidade ecológica no universo da modernidade” (Pádua 2012 p. 21).

Com o passar do tempo essas preocupações amadureceram e possibilitaram reflexões que conduziram a mudanças primordiais que marcaram o entendimento da relação entre sociedade e natureza, são elas:

1) a ideia de que a ação humana pode produzir um impacto relevante sobre o mundo natural, inclusive ao ponto de provocar a sua degradação; 2) a revolução nos marcos cronológicos de compreensão do mundo; e 3) a visão de natureza como história, como processo de construção e reconstrução ao longo do tempo. (Pádua 2012 p. 19)

Essas transformações permitiram aos historiadores pensarem a natureza como parte integrante da constituição social e dão as perspectivas epistemológicas para o entendimento das relações entre sociedade e natureza como elemento primordial na análise do pesquisador. A mutabilidade da natureza ao longo do tempo e as possíveis implicações do uso do meio ambiente como elemento histórico e social possibilitaram que a disciplina História Ambiental se consolidasse como saber interdisciplinar que relaciona áreas do conhecimento como a economia, a ecologia, a sociologia, a geologia e entre outras, na tentativa de observar seu objeto de estudo de uma maneira mais complexa.

Para melhor compreendermos a forma como a disciplina se organiza, Donald Worster (1991) buscou descrever a História ambiental em três subáreas. A primeira se dedicaria aos estudos da organização e o funcionamento da natureza e as intercessões com os interesses políticos, econômicos e sociais, e as possíveis consequências para ambas as esferas (tanto a natural como a social). Esse modelo privilegiaria uma História natural com grandes mediações de outros ramos do conhecimento científico,

---

<sup>4</sup> Os viajantes naturalistas europeus já coletavam amostras de espécies exóticas e alertavam sobre a problemática ambiental como é possível constatar nas discussões empreendidas por Lineu. Ver: Kury LB 2013. História natural, utilidade e felicidade no Iluminismo francês. In E Funes, KS Rios et al (Org.). *Natureza e Cultura: Capítulo de História Social*. vol.1. Expressão Gráfica e Editora, Fortaleza, p. 9-21.

<sup>5</sup> Lucien Febvre e Fernand Braudel, precursores das escolas dos *Annales*, já mostravam grande preocupação em incorporar tempos geológicos em suas discussões através de um debate interdisciplinar que pode ser considerado como o primórdio da geo-história. Já Ladurie foi um dos responsáveis por apresentar a discussão ambiental na revista dos *Annales* em 1974. Ver: Pádua JA 2012. As bases teóricas da História ambiental. In JLA Franco, S Dutra e Silva, JA Drummond, GG Tavares (Orgs.). *História ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação*. Garamond, Rio de Janeiro, p.17-37.

<sup>6</sup> Frederick Jackson Turner, Walter Prescott Webb e James Malin são considerados os antecessores da História Ambiental estadunidense por se dedicarem ao estudo da fronteira e do oeste dos Estados Unidos, pois abriram uma margem de interpretação ao relacionarem o meio geográfico com os processos históricos. Ver: Worster D 2012. A natureza e a desordem da história. In JLA Franco, S Dutra e Silva, JA Drummond, GG Tavares (Orgs.). *História ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação*. Garamond, Rio de Janeiro,

como a ecologia e a geologia, que tratam das transformações que as paisagens sofreram ao longo de um recorte temporal. A segunda linha de interpretação se dedica aos estudos das relações socioambientais e a influência que ambos os campos infligem um ao outro (englobando, também, as expressões culturais). Nesse modelo se privilegia a forma como os seres humanos modificaram ou se relacionaram com o meio natural na tentativa de extraírem da natureza os seus anseios e necessidades e/ou como a mesma responde a essas interferências humanas. A terceira, e última, subárea da História ambiental, está ligada as interpretações das representações que a sociedade constrói sobre a natureza, em outras palavras, a análise das múltiplas visões da sociedade e de seus agentes sociais sobre os elementos naturais.

A partir dessas subáreas, os historiadores ambientais têm a função de auxiliar na investigação dessas questões e empreender discussões de como as paisagens foram gradativamente modificadas e quais os resultados desses processos, para que a sociedade reflita sobre quais tipos de mudanças no meio ambiente são aceitáveis.

O que queremos e o que retiramos nunca são o mesmo, seja para os ambientalistas ou para os agentes do desenvolvimento. O que nós quisemos no passado teve consequências que ninguém esperava: surpresas, resultados imprevisíveis, muitas decepções, algumas delas trágicas. Os historiadores investigam todas essas questões e ajudam a criar um contexto intelectual para a sociedade em que eles vivem, desafiando o pensamento simplista ou as expectativas irreais. (Worster 2012 p. 368)

As presentes discussões descritas até esse momento refletem uma intensa preocupação atual. Não obstante, como pode ser observado nas prerrogativas de Worster, o desafio que a sociedade contemporânea se coloca em relação à natureza pouco ou nada se assemelha aos desafios enfrentados pelos desbravadores do passado.

Para os primeiros viajantes ou estudiosos que por Goiás passaram, o Cerrado se constituía num mistério, se por um lado havia o total desconhecimento dos ambientes, plantas e animais encontrados, por outro lado existia a necessidade premente de relatar estas paisagens nunca dantes vistas pelos europeus.

Nesse contexto, os primeiros relatos sobre o cerrado goiano são dos bandeirantes que passaram a organizar incursões para adentrar essas novas terras, motivados pela busca da riqueza instantânea na tentativa de encontrar um local caracterizado pela abundância de materiais preciosos. Esse ambiente serviu como um teste para a sobrevivência em local estranho, sendo que muitos morreram nas expedições devido às intempéries naturais do Cerrado. Para Bertran, “Sobreviver antigamente nos cerrados, as assim chamadas savanas do interior brasileiro, era um exercício da arte ecossistêmica” (2000 p. 33).

Essa dificuldade é oriunda do pouco conhecimento que esses viajantes tinham do meio ambiente que em Goiás existia. Grande parte dos viajantes que percorreram Goiás vinham de locais com clima temperado e úmido e os seus relatos se pautavam em reclamações sobre o clima seco e o calor do Cerrado. A respeito das intempéries do clima, o Marechal Cunha Mattos, em sua *Corografia Histórica da Província de Goiás*, assim descreve Vila Boa de Goiás, então capital da Capitania:

[...] é mui quente, sujeita a moléstias agudas, ataques apopléticos, e ao broncocele ou papeiras de que está atacada pelo menos dois terços da população [...]. Estou persuadido de que a malignidade atual da atmosfera e as contínuas moléstias, que se sofrem, procedem do fumo das queimadas e do calor delas nos meses em que não chove [...]. (Mattos 1979 p. 27)

Mas Cunha Mattos não ressalta apenas o clima e as enfermidades existentes no solo goiano. Assim como outros estudiosos do século XIX, a paisagem é destacada, e constitui importante elemento para se entender a visão que se tinha do Cerrado, ao descrever sobre os rios e as matas da Capitania de Goiás. Saint-Hilaire, em *Viagem à Província de Goiás* (1975), faz comparações do Cerrado goiano com a natureza de outras regiões que havia visitado dizendo: “A vegetação destas, é muito menos exuberante que as das florestas primitivas de Minas e do Rio de Janeiro” (1975 p.42).

O olhar eurocêntrico ligado a um ideal de progresso é representado em sua narrativa com julgamento de valor, talvez isso explique o porquê de o viajante julgar a população encontrada no cerrado goiano como pessoas preguiçosas e que não se habituavam com o trabalho, segundo Saint-Hilaire:

Os atuais habitantes da Província de Goiás, debilitados pelo calor e pela ociosidade, não parecem descendentes dos intrépidos paulistas que atravessaram sertões ainda desconhecidos, sujeitos a todas as privações, enfrentando os perigos e deixando a impressão de que pertenciam a uma raça superior de homens. (1975 p. 109)

Partindo desse pressuposto argumentativo buscaremos compreender como o Cerrado goiano foi interpretado durante o século XIX. Quais os motivos de tantas assertivas depreciativas ao observarem o meio natural de Goiás. O que eles encontraram em Goiás foi a decepção ou apenas um choque cultural? Será que viam o Cerrado apenas como lugar inóspito ou que possuía algum elemento que consideravam de grande valor e possibilidade? Para empreender tal feito analisaremos os relatos do viajante francês Auguste de Saint-Hilaire, que percorreu o interior brasileiro deixando suas percepções sobre o meio que circunscreveu.

### **ENTRE A UTILIDADE E A UTOPIA: A REPRESENTAÇÃO DAS VISÕES DE SAINT HILAIRE SOBRE AS SAVANAS DO BRASIL CENTRAL**

O século XIX é marcado pelo pensamento científico moldado pelo movimento intelectual conhecido como Iluminismo, fruto dessa época são as expedições realizadas pelos viajantes-naturalistas de diversos países da Europa, a partir de um projeto modernizador pautado no ideário do progresso,

que procurava produtos com um provável potencial comercial. Eles buscavam novas técnicas para o cultivo da agricultura, o descobrimento de plantas medicinais curativas e a possível climatização de espécies para as regiões das quais provinham. Todos esses exemplos serviram de combustível para alimentar o interesse de algumas nações em busca do desbravamento de regiões potencialmente produtivas. Segundo Lorelai Kury, essa era a intenção da maioria dos viajantes franceses. Com uma visão moderna os aventureiros catalogavam as plantas úteis e a potencialidade da região.

Aos viajantes naturalistas é sistematicamente requerido o exame dos procedimentos técnicos que os diferentes povos empregam para transformar os produtos naturais. O olhar de um naturalista deveria ser capaz de distinguir numa região desconhecida os produtos interessantes ao comércio. O estado de civilização inclui, assim, o poder de multiplicar os seres, aperfeiçoá-los para a agricultura e a pecuária e de transferi-los para outro clima. (Kury 2013 p. 10)

A natureza é vista como uma referência utilitarista para o desenvolvimento dos países que estão dispostos a investir em estudos dessas áreas que ainda não foram exploradas. Assim, segundo Kury: “Os viajantes-naturalistas deveriam analisar e levar para a França produtos que pudessem ser utilizados na Europa ou em suas colônias” (2013 p.12). O Brasil, nesse contexto, com a sua natureza peculiar e indomada, abre as portas para essas descobertas, com a permissão de vários estudos, sobre a flora e fauna, realizados por estrangeiros.

Contudo, não é apenas essa ordem nacionalizadora e utilitarista que marca a literatura naturalista do século XVIII. Ela, também, é revestida de uma aura imaginativa e utópica. Mesmo que de uma maneira controlada pela razão e a observação, a utopia torna-se realidade abstrata em frente ao exótico e maravilhoso, principalmente diante das aventuras e expectativas do novo mundo:

A história natural, entretanto, reveste-se de um número considerável de interesses e de expectativa dos naturalistas e do público em geral, que faz com que vá além da exploração eficaz dos três reinos da natureza: ela trata de felicidade e de utopia. (Kury 2013 p.13)

Da multiplicidade de viajantes que percorreram o Brasil no século XIX, destacamos o botânico e naturalista Auguste de Saint-Hilaire: francês que veio ao Brasil em 1816 com a missão de coletar informações sobre a natureza brasileira. A mais representativa, para nossas conjecturas, é sua *Viagem a Província de Goiás*, obra na qual relata aspectos relevantes para nossa análise sobre as visões e perspectivas dos naturalistas sobre o Cerrado.

Nos sertões brasileiros, o botânico viveu vários momentos saudosistas referente a sua terra natal, isso o ajudou a criar uma oposição entre o “Brasil / barbárie / atraso” *versus* “Europa / civilizada / progresso”. Habitualmente a visão dos viajantes que adentraram o Brasil no oitocentos, no geral, é marcado pelo cientificismo e pelo romantismo, é herdeiro de uma tradição iluminista civilizatória, que observa, descreve, analisa, classifica e hierarquiza tudo o que não é europeu, civilizado, como exótico e primitivo por não ser controlável.

No início de sua viagem a Goiás, o botânico narra a sua passagem pelo Arraial de Santa Luzia se expressando da seguinte forma: “Tudo o mais seco, e raras eram as plantas que ainda tinham flores. Finalmente, após uma jornada longa e tediosa, avistei Santa Luzia de Goiás, o arraial a que me destinava” (Saint-Hilaire 1975 p. 24).

Algumas das impressões descritas não reproduzem não reproduzem uma apreensão positiva das especificidades do Cerrado. Contudo, ao estudar essa obra, devemos situá-la nas correntes de pensamento da Europa do século XIX, que foram marcadas pelas influências oriundas do século XVI<sup>7</sup>, reflexo de um Brasil visto como uma colônia de fabulosas fontes de riquezas naturais, falava-se do exótico como maravilhoso, visão essa que nutriu todo o imaginário europeu até o século XIX. Dessa maneira, as percepções de Saint-Hilaire acerca das savanas do Brasil central não renderam as mesmas admirações ressaltadas pelos pioneiros europeus e, assim, frustraram as suas expectativas.

Contudo, os relatos sobre as paisagens *cerratenses* não se apresentaram apenas de forma depreciativa. As plantas foram elementos bastante citados pelos viajantes oitocentistas. Muitos escritos exaltam as novidades da natureza encontrada. Saint-Hilaire vislumbra uma espécie de planta em que seu caule fica com uma aparência ressequida durante a seca e as queimadas, mas em suas raízes contém uma seiva que dá força para a planta florescer, como é o caso da orquídea *Colchicum* (1975 p. 30). Ele também encontrou em Santo Antônio e em Montes Claros alguns riachos orlados por uma planta singular do cerrado chamada *Vellozia*, que cobria várias pastagens naturais das regiões. Além do pau d’arcoé ou pau-d’arco, uma outra espécie que também foi citada com entusiasmo pelo estudioso: tratava-se de um ipê roxo (*Handroanthus impetiginosus*) que, na época da passagem do botânico ao Rio dos Pilões, estava florido. O verde da mata foi exaltado e a paisagem dita como extraordinária (1975 p.86).

Quando se instalou em Mamoeiros, o viajante se encantou com a paisagem dizendo: “a vegetação com suas maravilhosas diferenças de forma de folhagem (...) mostra-se pontilhados de buritis, que se elevam majestosamente a alturas consideráveis” (Saint-Hilaire 1975 p. 87). Podemos notar uma dicotomia nos relatos desse viajante sobre as plantas do cerrado. O fascínio nasce pelas diferentes espécies que em Goiás habitavam, pois, na Europa a paisagem era bastante diferente em relação à brasileira, em especial nos domínios do cerrado. Mas, em contrapartida, a falta de utilidade dessas espécies, à primeira vista, traz um tom depreciativo para as suas narrativas, principalmente

---

<sup>7</sup> Em *Visões do Paraíso*, Sergio Buarque de Holanda (2000) cita uma carta de Nóbrega em agosto de 1549 que descreve o Brasil da seguinte maneira: “É terra muito fresca, de inverno temperado, e o calor do verão não se sente muito. Tem muitas frutas e de diversas maneiras, e muito boas, e que têm pouca inveja à de Portugal. Os montes parecem formosos jardins e hortas, e certamente eu nunca vi tapeçaria de Flandres tão formosa, nos quais andam animais de muitas diversas maneiras, dos quais Plínio nem escreveu nem soube. Tem muitas ervas de diversos olor e muito diferentes das de Espanha, e certamente bem resplandece a grandeza, formosura e saber do Criador em tantas, tão diversas e formosas criaturas” (Holanda 2000 p. 290).

quando relata os períodos de seca. Isso se dá porque, na Europa, a natureza já havia sido em grande parte domesticada, e aqui, no “novo mundo”, a natureza ocupava grandes espaços e o homem ainda não a tinha dominado totalmente.

Durante a expedição pelo cerrado goiano o viajante francês, em um momento de descanso, relembra com tristeza o falecimento de sua irmã: “Quando a perdi, pareceu-me que me achava sozinho no mundo” (Saint-Hilaire 1975 p. 88). A paisagem provocava emoções nesse viajante, o fato de estar em uma terra desconhecida, longe da família da sua língua, da sua terra natal, produz no viajante esse sentimento de solidão, nas palavras de Saint-Hilaire,

[...] passava um riacho de águas claras, e do outro lado se estendia uma vasta planície coberta de matas. Perto de nós um grupo de buritis se projetava, imponente, acima de uma baixada pantanosa, e toda a paisagem era dominada pela Serra Dourada [...]. (1975 p. 88)

A contemplação da natureza traz lembranças de sua casa, “o presente era triste e tedioso” (Saint-Hilaire 1975 p. 88 nota 6), em homenagem a irmã que lhe trouxera lembranças tão tristonhas, Saint-Hilaire batiza o lugar que estavam acampados com seu nome “Pouso de Dona Antônia” (1975 p. 88).

A fauna do cerrado também foi comentada nas leituras do botânico, alguns animais são alheios aos olhos dos estrangeiros, enquanto outros são descritos com muita distinção. Saint-Hilaire surpreendeu-se com os uivos do guará, a presença da onça era temida, em alguns trechos o estudioso narra a inquietação dos animais de montaria com a aproximação do felino, que atormentava os homens da expedição até em sonhos. A exuberância e beleza das aves também foram descritas: as palmeiras eram morada de “duas magníficas espécies de arara – a que tem plumagem inteiramente azul e uma outra, de manto azul e ventre amarelo” (Saint-Hilaire 1975 p. 89).

O naturalista fala, ainda, sobre os insetos da Província de Goiás. Acampado na Fazenda de Jacu, situada a cinco léguas da capital Vila Boa<sup>8</sup>, narra sobre os ataques desses pequenos bichos: “borrachudos, carrapatos, mutucas e várias espécies de abelhas me cobriam o rosto e as mãos, entravam-me nos olhos e ouvidos” (Saint-Hilaire 1975 p. 87).

Saint-Hilaire relembra os relatos de Luís Antônio da Silva e Souza, que falou sobre minhocões que viviam na Lagoa do Padre Aranha: “Que ali existem minhocões, acrescentando que esses monstros – é assim que ele se exprime – arrastam para o fundo do lago, onde vivem habitualmente, cavalos e bois” (Saint-Hilaire 1975 p. 77-78). Um pouco a frente tenta descrever as características bizarras do monstro:

---

<sup>8</sup> Cerca de 33 quilômetros.



A palavra minhocão é um aumentativo do substantivo português minhoca, e, de fato dizem que esse monstro tão falado é totalmente semelhante a esse verme da terra, com a diferença de que tem a boca visível. Dizem também que é preto, não muito longo e extremamente grosso, e que nunca aparece à superfície, sempre agarrando os animais pela barriga. (1975, p. 78)

O estudioso estava intrigado com as descrições sobre esse animal, considerava sua existência como algo sobrenatural, que além de roliço possuía nadadeiras: “sobre o desaparecimento de cavalos e bois nas passagens dos rios me tinha sido confirmado por tanta gente que me parecia impossível pôr em dúvida suas palavras” (1975 p.78). Através da tradição oral, esses viajantes acabam dando por verdade os relatos dos habitantes locais. Nessa postura, adotada por Saint-Hilaire, é claramente visível a sua clivagem ao utópico científico. Ele assume uma possível existência de um animal gigantesco que atacava bois e cavalos, algo realmente temível e extraordinário, mesmo sem a experiência real de observar esse animal *in loco*. O autor dedicou algumas linhas para imaginar e descrever essa fera do cerrado, sem uma comprovação empírica, algo que escapa da racionalidade pregada pelos padrões científicos da época. Contudo, como nos orienta Kury, essa utopia científicista não é algo estranho a esses viajantes do século XVIII, visto que:

Durante o Iluminismo, os relatos de viagem não abandonam inteiramente a temática tradicional dos países fabulosos, onde reina a abundância e não é necessário trabalhar. Entretanto, outra abordagem da natureza se estabelece nessa época, tendo como fundamento a valorização da ação do homem sobre o mundo natural. Na literatura de história natural e nas viagens, estes dois registros se entrelaçam. As viagens imaginárias e as utopias de forma geral constituem um gênero bastante apreciado na França do século XVIII. (Kury 2013 p. 13)

As narrativas dos viajantes do século XVI, geralmente feitas por figuras públicas que representavam a Coroa, tinham a intenção de divulgar as belezas do país para o mundo. Já as narrativas do século XIX, na qual se insere os estudos Saint-Hilaire, prevaleceu o caráter científico. A partir desse momento várias plantas e animais foram catalogados, muitos desses estudiosos eram patrocinados pelos seus países de origem e até por museus e universidades interessados nessas novas descobertas. Apesar da intenção científicista das viagens elas não abandonaram por completo as lendas e a fantasia exótica do século XVI, ainda havia espaço e apreciadores europeus para esse tipo de narração fantástica.

Acreditamos que Saint-Hilaire, como a maioria dos viajantes da época, inventariava os recursos naturais e estudava o clima e o solo para medir o grau de potencial de desenvolvimento econômico e agrário do país visitado. A missão civilizadora estava geralmente embutida em suas narrativas, não era só a natureza que era selvagem, mas também os homens que moravam ali, o objetivo era colonizar para que o progresso chegasse.

Outra visão interessante é da autora Márcia Naxara, que repensa o Brasil oitocentista e a constituição de uma identidade nacional a partir das representações que relacionaram de forma

antitética natureza e civilização. Em seu livro *Cientificismo e Sensibilidade Romântica* (Naxara 2004), em trecho longo mais esclarecedor, referente as visões dos viajantes, expõe a problemática da perspectiva individual e psíquica inelutável, mesmo no espírito cientificista dos naturalistas:

Simultaneamente ao interesse pelo conhecimento científico do mundo cresceu também, no decorrer do século XIX, a valorização da subjetividade na visão da natureza que, dentro do espírito romântico, tentava a compreensão do que ela é e representa e do que o homem experimenta ao seu contato.[...] O olhar científico – do que observa, de fora, tanto a natureza quanto os homens – aparecendo como que impregnados, de forma ambivalente, por uma sensibilidade romântica, mesmo que ela não se manifeste consciente e claramente. Junto ao olhar que se pretende neutro, que visa analisar algo que lhe é exterior (tanto a natureza animada, como o mundo vegetal, animal e humano) aparece a reverência diante da criação, a instantânea perda da objetividade e da neutralidade. Sentimentos e sensações que escapam ao domínio da explicação racional – que emanaram do estar diante de algo que não consegue abarcar e compreender com a razão no seu todo, tal a sua grandiosidade. (Naxara 2004 p.148)

Na busca de guardar registros tão raros os viajantes descrevem, desenham, pintam o que encontram na natureza, por isso, a riqueza na descrição dos detalhes marcam suas narrativas, talvez esse tenha sido o legado de Saint-Hilaire: guardar e transmitir as impressões vivenciadas nesse mundo natural peculiar do cerrado. O testemunho desse mundo natural do sertão é, com certeza, seu grande legado. Mas, ao mesmo tempo, as impressões escolhidas pelo estudioso são delimitadas por sua vivência na Europa e aquilo que chama atenção é o que pode interessar os financiadores e o público estrangeiro.

A visão desse naturalista é a que vigora entre os outros viajantes da época, que era catalogar e descrever exatamente aquilo que vêem e não aquilo que representa, talvez a grande carência tenha sido as descrições do modo de vida da sociedade encontrada, característica que só afirma a intenção não somente comercial de sua viagem, mas também a pretensão científica/intelectual, prova disso é o *Herbário de Saint-Hilaire na França*, que até hoje possui várias espécies que ainda não foram catalogadas.

Por não existir esse sentimento de pertença, algumas peculiaridades sobre os habitantes muitas vezes foram deixadas de lado por ter significado apenas para os moradores e não para o viajante, traçando um perfil pejorativo da população que vivia no cerrado goiano: “Os viajantes não tinham nem sentimentos, nem vínculos de familiaridade com a cidade” (Silva 2005 *apud* Corrêa 2001 p. 92).

Revisitar a obra de Saint-Hilaire nos permite obter vários olhares e possibilidades de interpretação, nosso exercício aqui é ocupar-nos com a gama de significados que a obra pode nos transmitir e a partir dessas informações delinear perguntas e, quem sabe, respostas quanto a impressão desse viajante sobre o mundo natural dos sertões.

A natureza do cerrado, diversa daquela do mundo europeu, aparece nos relatos de Saint-Hilaire quando exalta a exuberância dessa última em detrimento da primeira, considerada mais rústica; a

comparação de costumes regionais encontrados nos arraiais goianos com os hábitos europeus, são algumas das referências discrepantes que o botânico aponta, assim como os padrões éticos da população, deixando de lado a neutralidade do pesquisador e cientista.

## REFERÊNCIAS

Bertran P 2000. *História da Terra e do Homem no Planalto Central*. Verano, Brasília.

Franco JLA, Dutra e Silva S, Drummond JA, Tavares GG (Orgs) 2012. *História ambiental: fronteiras, recursos e conservação da natureza*. Garamond, Rio de Janeiro.

Holanda SB 2000. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. Brasiliense/Publifolha, São Paulo.

Kury LB 2013. História natural, utilidade e felicidade no Iluminismo francês. In E Funes, KSR Rios et al (Orgs). *Natureza e Cultura: Capítulo de História Social*. Expressão Gráfica e Editora, Fortaleza. p. 9-21.

Matos RJC 1979. *Chorographia Histórica da Província de Goiás*. SUDECO, Goiânia.

Naxara MRC 2004. *Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Editora Universidade de Brasília, Brasília.

Padua JA 2012. As bases teóricas da História ambiental. In JLA Franco, S Dutra e Silva, JA Drummond, GG Tavares (Orgs). *História ambiental: fronteiras, recursos e conservação da natureza*. Garamond, Rio de Janeiro. p. 17-37.

Saint-Hilaire A 1975. *Viagem à Província de Goiás*. RR Junqueira (trad.). Edusp, Belo Horizonte – Itaipava - São Paulo.

Silva CA 2005. Antigos e novos olhares viajantes pelas paisagens do cerrado. In MG Almeida (Org.). *Tantos cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade sociocultural*. Editora Vieira, Goiânia. p. 21-45.

Worster D 2012. A natureza e a desordem da história. In JLA Franco, S Dutra e Silva, JA Drummond, GG Tavares (Orgs). *História ambiental: fronteiras, recursos e conservação da natureza*. Garamond, Rio de Janeiro.

## The Cerrado of Saint-Hilaire: naturalists representations of a 19th century French traveler

### ABSTRACT:

This work aims to investigate the different motivations and goals behind the traveler Saint-Hilarié intentions to invest in a project to enter the Cerrado, and from his narratives and perceptions, we intend to understand how the nature of the Cerrado was interpreted during the nineteenth century. We

seek to see why so many derogatory assertions were made by observing the natural surroundings of Goiás.

**Keywords:** Cerrado; Nature; Environmental History.

Data Submissão: 27/05/2016

Data Aceite: 15/11/2016